



BARREIRAS PARA A IMPLEMENTAÇÃO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: OS DESAFIOS DO PROFESSOR DA SALA DE ENSINO COMUM

Claudia Solange Santos e Silva¹, Jusse Raquel Nunes de Oliveira², Núbia Xavier da Silva³

¹ – Mestranda do Mestrado Profissional em Educação Inclusiva da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)

² – Mestranda do Mestrado Profissional em Educação Inclusiva da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)

³ – Mestranda do Mestrado Profissional em Educação Inclusiva da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)

RESUMO

A escola tem o dever de estar aberta a todos os alunos, independente se ele é ou não pessoa com deficiência, para isso a escola precisa adequa-se para recebe-lo e proporcionar condições que ele permaneça recebendo uma educação de qualidade. Os professores também precisam estar preparados ou em processo de formação continuada. Contudo sabemos que a realidade é diferente do que estabelecem as leis, os decretos, os pareceres ou outros documentos que abordam a educação numa perspectiva inclusiva, por isso, a presente pesquisa visa identificar quais os maiores desafios enfrentados por professores das séries iniciais do ensino comum, que tem alunos com deficiência ou transtorno. Esse estudo teve início quando professoras do Atendimento Educacional Especializado (AEE), de uma escola municipal das séries iniciais, do Estado do Amapá aplicaram um questionário a colegas professores atuantes das salas de aulas comum. O questionário perguntava sobre as principais dificuldades que eles enfrentam ao ter um aluno com deficiência ou transtorno em sua turma? Qual formação esse professor precisa para superar essas dificuldades e melhorar o processo ensino-aprendizagem? Quanto a metodologia foi utilizada a abordagem qualitativa, a coleta de dados deu-se por meio da aplicação de um questionário para professores da sala comum, bem com análise dos dados obtidos. Os resultados apresentam como grande dificuldade a falta de planejamento integrado entre professores do AEE e do ensino comum, já que dos catorze respondentes, nove dizem que não sabem fazer adequação de materiais e quatro afirmam que a falta o planejamento conjunto. Conclui-se que, o ensino integrado pode ser o primeiro e grande passo para amenizar muitas dificuldades na inclusão escolar na escola campo de pesquisa.

Palavras-chave: inclusão escolar; realidade escolar; séries iniciais; fazer pedagógico.

1 INTRODUÇÃO

A proposta de inclusão escolar surgiu em decorrência de um processo histórico de lutas e reivindicações sociais de garantia aos direitos humanos fundamentais ao educando com necessidades especiais e, a escola nesse contexto, tem papel preponderante para que esses direitos sejam garantidos. Com o aumento do número de matrículas nas escolas regulares, os profissionais da educação têm sido desafiados à elaborarem propostas educacionais com o objetivo de efetivar o ensino para alunos com algum tipo de deficiência.

A dificuldade dos professores do ensino regular em desenvolver aulas para os alunos com deficiência é notória. Segundo Vale (2021, p.26) “Trabalhar com a diversidade, dentro e fora da sala de aula, constitui-se como uma das grandes provas pelas quais o professor do ensino regular passa”. Com isso surge a seguinte problemática; como os professores elaboram propostas educacionais com o objetivo de efetivar o ensino para alunos com algum tipo de deficiência nas séries iniciais do ensino fundamental?

Com tudo, sabe-se que o professor deve, “(...) promover situações de aprendizagem, baseadas na observação feita aos alunos e atua de acordo com as necessidades que identificou de forma a que estes consigam progredir nas suas aprendizagens” (VALE, 2021, p. 27).

Sabendo que os professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE), são de suma importância para a articulação do ensino especial e o ensino comum, é essencial manter um contato para a troca de experiências e construção de práticas favoráveis para o desempenho escolar dos alunos com deficiência. Portanto “O papel do educador de salas de AEE é ser facilitador no processo pedagógico do aluno PAEE” (OLIVEIRA, 2017, p. 04).

Partindo da premissa que o professor da Educação Especial é o facilitador da aprendizagem propôs-se através do método de pesquisa qualitativa, realizar as entrevistas com perguntas abertas, a análise dos dados, de discutir os conceitos e categorias e a síntese da investigação. Com o objetivo geral de possibilitar uma reflexão sobre o fazer pedagógico, levando a encontrar soluções para as dificuldades em desenvolver metodologias e práticas inclusivas.

Como objetivos específicos definiu-se identificar as principais dificuldades encontradas na elaboração de métodos para lidar com alunos especiais, assim como, propor a partir da realidade encontrada estratégias específicas a cada deficiência. Feitas essas observações, cabe destacar a relevância e a importância da pesquisa para a sociedade.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Acredita-se que por meio do método de pesquisa qualitativa, pode-se ressignificar e propor novas reflexões e contribuições no campo temático educação inclusiva com foco nas práticas docentes. Desse modo, é válida a contribuição de Sánchez Gamboa (2007, p. 46) indica, que:

Quando investigamos, não somente produzimos um diagnóstico sobre um campo problemático, ou elaboramos respostas organizadas e pertinentes para questões científicas, mas construímos uma maneira de fazer ciência e explicitamos uma teoria do conhecimento e uma filosofia.

Nessa direção, a relação entre sujeito-objeto não é estabelecida como um processo de externalidade, mas o sujeito está implicado no objeto que investiga. Entende-se, nessa perspectiva de pesquisa qualitativa, que não há neutralidade no fazer científico visto que, nesta relação está impregnada no pesquisador(a) uma visão de mundo, tentativas de reconstruir conceitos sobre o problema da pesquisa numa compreensão histórica da humanidade (SCHWARTZ; BATISTA, 2022).

No que se refere aos procedimentos metodológicos, buscou-se a partir do materialismo histórico empregar cinco etapas metodológicas, a saber: A primeira etapa, foi destinada ao estudo bibliográfico sobre a temática “barreiras para a implementação da educação inclusiva: os desafios do professor da sala de ensino comum”, numa tentativa de compreender como o objeto pesquisado se apresenta no contexto histórico. Conforme afirma Frigotto (1987, p.88) “é o resgate crítico da produção teórica ou do conhecimento já produzido sobre a problemática em jogo”.

Na segunda etapa, foram realizadas as entrevistas com perguntas abertas, com o objetivo de executar o levantamento da problemáticas da pesquisa. Participaram dessa investigação 18 (dezoito) docentes, porém apenas 14 (catorze) responderam ao questionário, sendo que os participantes são servidores públicos efetivos lotados na sala regular, no Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano, de uma escola da rede municipal, localizada na zona urbana de Macapá/AP. Diante desse contexto prático, pode-se construir a partir do público alvo as principais questões sobre o foco da pesquisa.

Na terceira etapa, para a análise dos dados, analisou-se as afirmações ou negações do problema pesquisado numa tentativa de discutir os conceitos e categorias. Na quarta etapa, deu-se a análise dos dados, que para Frigotto (1987, p. 88), “representa o esforço do investigador de estabelecer as conexões, mediações e contradições dos fatos que constituem a problemática pesquisada”. Onde concluiu-se que de fato a inclusão de alunos com deficiência nas salas de aulas comum ainda deixa os professores inseguros.

E por fim, na conclusão de todas as etapas, a síntese da investigação que é a explicação da problemática que foi investigada, a redefinição de categorias e a apresentação de propostas para o alcance das ações concretas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A existência e atuação do Atendimento Educacional Especializado nas escolas é imprescindível, pois entre as funções do professor da área, está a de fazer a articulação do ensino especial e o ensino comum. Por isso, Mantoan (2010), reitera que essa função, do professor do AEE, só terá êxito se houver uma relação entre o trabalho que desenvolve e o que é próprio das salas de aula comum.

É nessa perspectiva de que sua articulação com os professores da sala comum que alicerça o eixo necessário à inclusão dos alunos, público-alvo público alvo da educação especial, é que professoras do AEE de uma escola no Município de Macapá/AP, realizaram uma investigação pedagógica inclusiva com os professores das salas de aulas comum para saber como agem ao receber um aluno com necessidades educativas especiais e como o AEE pode ajudá-los nessa tarefa.

Assim, 18 (dezoito) professores da sala comum receberam um questionário, mas apenas 14 responderam. Este questionário continha as seguintes perguntas abertas: 1 Quais as suas principais dificuldades quando recebe um aluno com deficiência e/ou transtorno? 2 Quais formações você considera desenvolver propostas pedagógicas de inclusão do aluno com deficiência ou transtorno?

Em relação ao primeiro questionamento, os 14 (catorze) questionários respondidos revelam que 100% dos professores tem dificuldades em fazer a inclusão do aluno com deficiência ou transtorno e ainda apontam quais as suas maiores dificuldades. Entre as maiores dificuldades apontada por 9 (nove) dos professores da sala comum, está a adaptação de materiais e atividades para esses alunos e 4 apontam a falta de planejamento integrado entre professores da sala comum e AEE, como podemos constatar na resposta de dois professores:

Precisamos organizar o planejamento pedagógico voltado ao atendimento desses alunos. Planejamento mais integrado entre professores do ensino regular e AEE, considerando a construção de materiais adaptados para o atendimento das demandas apresentadas (prof_1).

Mediante a observação das especificidades de cada aluno, a dificuldade surge na elaboração do material adaptado para o aluno (prof_2)

Isso demonstra que apesar do medo e a insegurança de adequar materiais ou lidar com o aluno com deficiência como apareceu como resposta em 14 (catorze) questionários, não há uma receita sobre isso, porém Campos (2018, p. 60), afirma que “tem um parâmetro apontando que, quando o professor planeja suas aulas deve ter em mente que todas as atividades trabalhadas serão oportunizadas a todos para se apropriarem dos conhecimentos”. Em relação ao planejamento integrado, seria imprescindível atitudes como iniciativa pessoal e interesse dos dois professores: da Educação Especial e da classe comum.

A falta de formação para atuação com o público alvo da educação especial apareceu em 4 (quatro) questionários, além de 3 (três) respostas sobre o quantitativo de alunos por sala que dificulta o trabalho com aluno com deficiência ou transtorno, e 2 (duas) repostas justificando que faltam adaptação física e falta de apoio governamental.

Sobre a formação continuada dos professores Souza e Tozetto (2011) ressaltam que é indispensável essa formação para associar teoria e prática e assim a escola seja transformada, e atenda as premissas que atendam a todos os alunos.

Em resposta a segunda resposta do questionário que era: Quais formações você considera desenvolver propostas pedagógicas de inclusão do aluno com deficiência ou transtorno? 6 (seis) professores disseram que é necessário curso de adaptação de material para cada deficiência, 4 (quatro) precisam de formação em Libras e 3 (três) cursos sobre projetos pedagógicos inclusivos e 1 (um) solicitou curso de braille, como se pode ver nas respostas abaixo:

Para o professor desenvolver um trabalho de qualidade, mínimo que seja, deverá ser ofertada a formação continuada por meio de cursos de extensões, aperfeiçoamento ou especialização. Que tais cursos sejam voltados a adaptação de conteúdo, visto que a grande carência de material adaptado (prof_3).

Formação de professores em educação especial e inclusiva; formações em Libras e braille; capacitação com metodologias de ensino na inclusão de crianças especiais (prof_4).

Aqui ressalta-se a importância da formação em serviço, de acordo com a lei nº. 13.005/2014, que determina como meta a garantia para “[...] todos(as) os(as) profissionais da educação básica, formação continuada em sua área de atuação, considerando as necessidades, demandas e contextualizações dos sistemas de ensino” (BRASIL, 2014). Porém, Tozetto (2010) chama a atenção de que a formação continuada não substitui a formação inicial, pois, caso contrário, o professor não teria uma base teórica e ele seria apenas tarefeiro.

Por isso, de acordo com Mantoan (2003), essa formação demanda deve a partir da realidade escolar, proporcionando reflexões e trocas de experiências, estudo de caso e culminar com mudanças de atitudes que culminarão numa escola inclusiva.

4 CONCLUSÃO

A presente pesquisa demonstra as barreiras que os professores da sala de aula comum, encontram cotidianamente para efetivar a inclusão escolar, mas há outras quando abordamos essa temática. Isso demonstra a importância do planejamento integrado, da formação em serviço e da presença da família na escola. Visto que os professores apontaram que falta esse apoio e destacaram atitudes que ajudaria a resolver ou amenizar as situações apresentadas.

Além disso, ficou claro o medo e a insegurança diante do desconhecido, que já poderia ser amenizado se o professor da sala comum se disponibilizasse em receber orientações do professor do AEE e vice e versa e para que isso aconteça é imprescindível que coordenação

pedagógica organize e acompanhe esse planejamento e aproveitar a oportunidade para realizar as formações em serviço.

Inclusive, autores como Machado e Martins (2019) justificam que é com uma formação baseada na realidade e dificuldades que os professores vivem, que irá preparar o profissional, pois o levará a refletir sobre sua prática e assim potencializar a aprendizagem de seus alunos com ou sem deficiência.

Esta pesquisa, baseou-se apenas nas respostas dos professores, contudo defendemos que ela continue e outros agentes da escola e os pais também expresse suas opiniões. Almeja-se contribuir para que a inclusão seja favorecida e o rompimento de modelos obsoletos sejam dissolvidos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Plano Nacional de Educação (PNE). Lei n. 13.005, de 25 de junho de 2014.

MACHADO, G.; MARTINS, M. F. A. Atendimento educacional especializado – AEE na educação infantil: entraves e possibilidades. RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação. Araraquara: v. 14, n. esp. 1, p. 746-759, 2019.

MANTOAN, M. T. E. Atendimento educacional especializado: políticas públicas e gestão nos municípios. São Paulo: Moderna, 2010.

MANTOAN, M. T. E. Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

CAMPOS, Cláudia Maria Ferreira. Práticas Pedagógicas e Socioculturais com crianças com deficiência intelectual na educação infantil. 2018. 2019 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2018.

FRIGOTTO, G. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. Simpósio sobre Diferentes Enfoques Teóricos na Pesquisa Educacional brasileira. Espírito Santo: Vitória, p. 7 – 90, 1987.

OLIVEIRA, Valéria de et al. Inter-relação entre professores da sala de atendimento educacional especializado e do ensino regular. 2017.

SÁNCHEZ GAMBOA, S. Epistemologia da Educação Física: as interrelações necessárias. Maceió: edUfal, 2007.

SCHWARTZ, C. M; BATISTA, P. V. O fazer científico frente à perspectiva da não neutralidade. Revista Teias: v. 23, n. 68, 2022.

SOUZA, A. P; TOZETTO, S. S. A formação continuada e em serviço: uma experiência vivida por professores e pedagogos de uma escola de tempo integral. X Congresso Nacional de Educação e I Seminário internacional de representações sociais, subjetividade e educação. Curitiba, 2011.

VALE, Isabel Alexandra Caldeira da Silva Matias Cunha et al. Perspetivas de professores e de alunos sobre o papel do Professor de Educação Especial na construção de uma Escola

Inclusiva. 2021. Tese de Doutorado. Escola Superior de Educação de Lisboa, Instituto Politécnico de Lisboa.